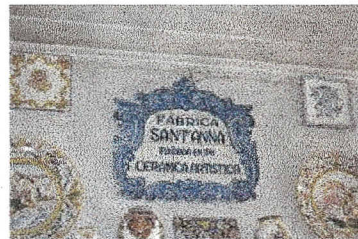


Fábrica Sant'Anna - Recriar no século XXI a cerâmica tradicional portuguesa

Com quase três séculos de história, a Fábrica Sant'Anna, que se dedica ao comércio de revestimentos de azulejos, tem resistido a todas as crises. No n.º 95 da rua do Alecrim, em pleno Chiado, produz-se todas as peças por processos inteiramente artesanais desde a preparação do barro até à vidração e pintura manual. Carlos Amado, director comercial da empresa, deixa o aviso: «se investidores e empresários, não perceberem que são os produtos made in Portugal o futuro da economia, em breve, as cerâmicas manufacturadas desaparecerão».



Ana Clara | terça-feira, 16 de Março de 2010



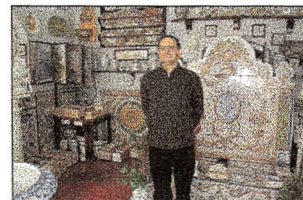
É um negócio que pode ter os dias contados se nada for feito. A indústria da cerâmica em Portugal vive momentos difíceis. Não obstante a secular **Fábrica Sant'Anna** continua a resistir na rua do Alecrim em pleno coração de Lisboa.

Carlos Amado, responsável pelo departamento comercial na área nacional e internacional, trabalha há 25 anos numa casa, que abriu as portas em 1741. «No Chiado, estamos abertos desde 1940», afirma, lembrando que a actual empresa é proveniente da Fábrica de Santana à Lapa. «A primeira empresa surgiu com o nome de viúva José Dias na Lapa que se dedicava ao fabrico de telhas e tijolos de barro vermelho», explica ao **Café Portugal**, sublinhando que «a construção vivia, nessa altura, um contexto completamente diferente na área de Lisboa. A Lapa era a periferia da cidade».

Para se perceber a história da Fábrica Sant'Anna, é preciso recuar quase três séculos no tempo: «depois da existência na zona da Lapa, e com o desenvolvimento da indústria da cerâmica portuguesa, aquando do aparecimento das fábricas reais, - na sequência do conhecido terramoto de 1755 - não só a nossa cerâmica como muitas outras da época desenvolveram-se em paralelo com a fábrica real».

Carlos Amado recorda que «houve necessidade de implementar uma produção muito diversificada e forte na área da cerâmica», principalmente nos azulejos, para revestir toda a zona da área pombalina da cidade que foi destruída pelo sismo. «Fomos uma das fábricas que se desenvolveu nesse trabalho, a par de outras tantas cerâmicas», frisa.

Fruto de uma arte tradicional portuguesa, o responsável descreve que tipo de materiais dispõe na loja da rua do Alecrim: «fazemos faianças, azulejos completamente manufacturados, adquirindo a matéria-prima bruta que são as argilas naturais - que antigamente eram provenientes da cidade de Lisboa. Hoje não há nada para construir em Lisboa, temos que ir buscar as argilas à periferia». E acrescenta que a matéria-prima é «50% portuguesa», como faz questão de vincar, «a par da mão-de-obra».



«Não trabalhamos para encher contentores»



Sobre os clientes que procuram a Fábrica Sant'Anna, Carlos Amado refere que tratando-se de uma empresa com «esta antiguidade tem que ter um nível de clientes o mais dispar possível». «A nossa faixa de clientes passa por um nicho de mercado topo de gama, de alta qualidade, já que o produto que apresentamos não é um produto disponível em grande quantidade, nem temos interesse nisso», sublinha, realçando que a aposta é no mercado estrangeiro. «Não trabalhamos para encher contentores mas sim para algumas casas de banho e para clientes pontuais», sustenta.

Adianta que exercem «exportação directa» sendo que actualmente o mercado potencial é a Europa (Holanda, Alemanha, Itália): «já lá vai o tempo em que exportávamos para os EUA mas devido ao aparecimento da moeda única, isso veio fechar completamente o nosso mercado e alterá-lo para uma viragem completa para o mercado europeu».

Carlos Amado salienta que os produtos que hoje se vendem na Fábrica Sant'Anna são «tradicional e clássicos». «O mercado está fechado. Atravessamos uma crise como há muitas décadas não sentíamos e isso limita o uso do revestimento em azulejo. Qualquer apartamento hoje é muito pequeno e está sujeito às linhas mais modernas, sendo que o azulejo está posto um pouco de parte nas casas portuguesas», relata.

«O nosso azulejo não é industrializado, é fielmente feito com os métodos tradicionais. Quando depois de colocado, é uma réplica quase perfeita aos séculos XVII e XVIII», afirma.

Sobre o futuro, Carlos Amado considera que «o sector está um desastre» porque «a tendência destas cerâmicas manufacturadas é o desaparecimento, como aconteceu já nos outros países, como Espanha, Itália e França». E alerta: «é preciso uma aposta forte por parte de investidores e empresários, que compreendam que os produtos nacionais e tradicionais são muito importantes».

Do Japão à Austrália, dos EUA ao Brasil, a Fábrica Sant'Anna está presente em todos os roteiros desses países. «Fazem questão de fazer o levantamento da história de Portugal e encontram nesta casa uma referência de séculos de produtos nacionais», conclui Carlos Amado.

De referir que nesta casa encontra-se uma infinidade de peças de utilidade e decoração, nomeadamente, terrinas, pratos, travessas, etc., com as diferentes formas desde couve, animais, frutos, mariscos e outros motivos.

«Criando e adaptando os elementos da sua própria história industrial e decorativa, é hoje a mais antiga fábrica em laboração na Europa, apresentando as linhas de produtos com elevada e crescente aceitação no mercado nacional e internacional».

Recorde-se que em Portugal, o gosto pelo azulejo foi assimilado dos muçulmanos, tendo sido introduzido no país desde meados do século XV. No século XVI, Portugal inicia sua própria produção, sofrendo várias influências das azulejarias italiana e flamenga, e mais tarde no século XVII, da azulejaria holandesa. Esta forma singular de decoração, foi utilizada com insistência no revestimento de igrejas, Palácios, Mosteiros, Fontes e em Casas Senhoriais.

